

A PERCEPÇÃO DA INTERAÇÃO FAMILIAR EM ADOLESCENTES

Rosani Teresinha da Silva Stachiw*
rosani_stachiw@hotmail.com
Maria Ivonete Barbosa Tamboril**
ivonetetamboril@gmail.com
Rosalvo Stachiw***
rosalvo_stachiw@unir.br

RESUMO

A interação familiar é um aspecto de suma importância para o crescimento saudável dos filhos, refletindo diretamente em seus comportamentos. Neste contexto, o objetivo deste artigo foi identificar a qualidade na interação familiar em alunos do último ano do ensino fundamental no município de Rolim de Moura - RO. A amostra deste estudo foi composta por 43 alunos, de ambos os sexos que estavam cursando o 9º ano do ensino fundamental em duas escolas (pública e particular). O instrumento utilizado foi a Escala de Qualidade na Interação Familiar (EQIF). Os resultados mostraram que a interação familiar na escola pública e principalmente na escola privada é preocupante, necessitando de programas de orientação para os pais. Isto permitiria aos adolescentes crescerem e se desenvolverem em um ambiente familiar saudável.

Palavras-chave: EQIF; interação familiar; adolescência; Rondônia.

1 INTRODUÇÃO

A relação familiar é responsável pelo bom desenvolvimento físico, cognitivo e emocional dos filhos, e o ambiente familiar é o lugar ideal para a prática e o amadurecimento do amor, dos contatos corporais, da comunicação e das relações interpessoais (ALARCÃO e GASPAR, 2007).

É ainda no espaço familiar que se aumenta o subsistema parental, frequentemente constituído pelos pais (marido e mulher), que têm funções de monitorar, garantir e se entender quanto à educação dos filhos, estabelecer regras e limites, ensinar importantes lições de vida e construir um relacionamento mais afetivo (JARDIM, 2006).

Toda criança tem direito a ser criada e educada no seio da sua família (art. 19 do ECA). Dependerá dos pais, instruir os filhos o uso adequado da liberdade, dos limites e das responsabilidades, prepará-los emocionalmente para lidar com as frustrações diárias, de estreitar os laços afetivos, dos valores, da cidadania e da moral. Caso o ambiente familiar seja

* Psicóloga, Especialista, Universidade Federal de Rondônia.

** Pedagoga, Doutora, Universidade Federal de Rondônia.

*** Químico, Doutor, Universidade Federal de Rondônia.

hostil e angustiante, ou com possibilidades de agressão (física ou verbal) e falta de diálogo, a qualidade desta relação poderá ser comprometida (SANTOS, 2009).

No contexto da relação familiar, a fase da adolescência é caracterizada por um estado onde o jovem contesta todas as regras e figuras de autoridade que lhes são impostas. Nesta fase também podem ocorrer explosões de ideias e de comportamentos. Se no ambiente familiar não ocorrer uma compreensão correta da revolução causada por esta idade, corre-se o risco de acentuar os conflitos entre gerações, prejudicando os aportes afetivos (DIAS, 2011).

Parolim (2008) complementa que:

Um ambiente familiar saudável não é aquele em que não ha brigas, mas sim aquele onde os membros da família conseguem encontrar a solução de seus problemas e amenizar os efeitos angustiantes destes. Um núcleo familiar saudável beneficia a expressão tanto de sentimentos hostis como de afeto. Portanto, quando o adolescente não consegue expressar seus sentimentos agressivos em casa, ele carrega para suas relações sociais como, por exemplo, a escola (PAROLIM, 2008, p. 45).

Para Weber et al. (2008), “os estilos parentais são a demonstração dos objetivos, valores e crenças dos pais e, diferentes estilos parentais, criam climas emocionais distintos no lar”. O estilo parental obedece a um padrão mais completo de comportamento, ao passo que as práticas educativas parentais referem-se a métodos definidos por conteúdos específicos e estratégias usadas para eliminar condutas consideradas inadequadas (LOOS e CASSEMIRO, 2010).

Há décadas que pesquisas são realizadas a fim de contribuir com as questões sobre educação e estilos parentais (PAROLIM 2008; WEBER *et al.*, 2008; SAWAIA, 2010; DIAS, 2011). Esses estudos mostram que há uma influência significativa de estilos parentais no desenvolvimento psicossocial de crianças e/ou adolescentes. O modelo teórico sobre os estilos parentais teve grande repercussão na década de 60 a partir das pesquisas desenvolvidas por *Baumrind*.

Os estudos de *Baumrind* citado por Weber et al. (2003), Weber et al. (2008) e Brás (2008) visaram compreender como os estilos parentais influenciam o desenvolvimento dos filhos, onde foram observados três aspectos de estilos parentais: o autoritário, permissivo e participativo.

De acordo com o estudo, os pais autoritários são os que modelam, controlam e avaliam o comportamento dos filhos, de acordo com regras de conduta estabelecidas e normalmente integrais; estimam a obediência como uma qualidade e são a favor de medidas punitivas para disciplinar a criança, são pais centrados em si próprios.

O estilo autoritário traz sequelas para os filhos, dentre as quais podem ser citadas:

Tendem a apresentar desempenho escolar moderado, não apresentam problemas de comportamentos, geralmente são crianças/adolescentes quietos e passivos. Porém, se a coerção dos pais for muito forte, podem apresentar agressividade e hostilidade com figuras de autoridade (professores, por exemplo), podem apresentar humor instável, pior desempenho nas habilidades sociais e alto níveis de depressão (WEBER et al., 2003, p. 324).

Já os pais permissivos ou negligentes são aqueles que tentam se comportar de maneira não punitiva e receptiva diante das vontades e ações dos filhos. Tais pais não são um modelo, nem um agente responsável por moldar ou direcionar o comportamento dos filhos. Tendem a se esquivarem das inconveniências, o que os faz responder imediatamente aos pedidos dos filhos apenas por ser mais conveniente (BRÁS, 2008).

Para este estilo as consequências para os filhos são:

Apresentam propensão a se envolverem em problemas de comportamento, apresentam pior desempenho escolar, mas podem ter boa autoestima, boas habilidades sociais e baixos níveis de depressão. Há ainda alto risco de se envolverem com drogas e álcool, pois não aprenderam a lidar com regras e limites. Geralmente são crianças/adultos mimados, de chata convivência, pois só pensam em si próprios e não aprenderam as regras de convivência, entre outros comportamentos inadequados (roubar, mentir, xingar) (WEBER et al., 2003, p. 324).

Pais participativos é o estilo ideal, sendo pais centralizados tanto na relação quanto na socialização e desenvolvimento do filho. Os resultados mostraram que as crianças educadas por este estilo parental “seriam indivíduos com maior assertividade, maior maturidade, responsabilidade, otimismo, autonomia, bom desempenho acadêmico e desenvolvimento de resiliência” (WEBER et al., 2003).

Considerando os aspectos a respeito da importância da qualidade na interação familiar e os estilos parentais para o desenvolvimento dos filhos, verifica-se que o adolescente é confrontado com uma série de mudanças que tem que integrar, numa fase em que grandes alterações (nível biológico, emocional, cognitivo, social e escolar) estão também ocorrendo em seu desenvolvimento. A entrada na adolescência é um evento previsível que apresenta grande impacto e crise na vida familiar, assim sendo, o diálogo entre pais e filhos exerce um papel fundamental, principalmente nesta fase (BAPTISTA, 2007).

A partir disso, a predominância de aspectos positivos e baixo índice de aspectos negativos nas interações entre pais e filhos e entre casal é fundamental. Diante disso, Weber e colaboradores elaboraram e validaram um instrumento que mede a qualidade na interação entre os pais e seus filhos, chamada Escala de Qualidade na Interação Familiar (EQIF).

“Qualificando os aspectos familiares positivos como sendo de proteção e os negativos como de risco para o desenvolvimento dos filhos” (WEBER et al., 2008).

Considerando a importância da participação de ambos os pais no envolvimento e na qualidade da interação com os filhos, este artigo teve como objetivo identificar a qualidade na interação familiar na percepção dos filhos em relação aos genitores. Para isso, utilizou-se a pesquisa exploratória e quali-quantitativa mediante a utilização da Escala de Qualidade na Interação Familiar (EQIF).

2 MATERIAIS E MÉTODO

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), CAAE: 31793014.7.0000.5605 e realizada com 43 alunos, sendo 30 do sexo feminino e 13 do sexo masculino, com idades entre 13 e 15 anos, cursando o 9º ano do ensino fundamental entre os meses de Agosto e Setembro de 2014. Deste total, 25 alunos foram de uma escola pública e 18 de uma escola privada do município de Rolim de Moura - RO. A escolha dos sujeitos foi aleatória. Para coleta dos dados foi utilizada a Escala de Qualidade na Interação Familiar (EQIF) de Weber e colaboradores (2003). O EQIF acessa aspectos de interação familiar por meio do relato dos filhos, os quais respondem separadamente sobre seu pai e sobre sua mãe. São 40 questões em sistema *Likert* de cinco pontos (nunca, quase nunca, às vezes, quase sempre, sempre), agrupadas em nove escalas. Seis delas abordam aspectos da interação familiares considerados “positivos” e três referem-se a aspectos considerados “negativos”.

Os aspectos positivos do EQIF abordam (WEBER et al., 2003):

1. Envolvimento: corresponde à participação dos pais na vida dos filhos. Os itens dessa escala investigam o apoio familiar, a presença dos pais no dia a dia dos filhos. Esta escala investiga também a demonstração de amor dos pais para seus filhos, seja de forma física ou verbal, e se dão oportunidade para o diálogo e para a autonomia do filho.
2. Regras e monitoria: mede dois aspectos: a existência de regras, ou, normas definindo o que o filho deve fazer e a ocorrência monitoramento das atividades do filho.
3. Comunicação positiva dos filhos: verifica a existência de diálogo na interação, se os filhos se sentem à vontade para falarem de si para seus pais.
4. Clima conjugal positivo: verifica a boa relação entre o casal, incluindo afeto, diálogo e respeito.

5. Modelo parental: verifica se os pais se comportam de maneira coerente com o que ensinam.

6. Sentimento dos filhos: é uma escala subjetiva que busca verificar como os filhos se sentem em relação aos seus pais. Questões de afeto e exemplo.

Os aspectos Negativos do EQIF abordam (WEBER et al., 2003):

7. Comunicação negativa: investiga maneiras inadequadas dos pais falarem com seus filhos, confirmam a falta de controle emocional dos pais. Esta escala mede tanto a inadequação de conteúdo como a forma de expressão, por exemplo, ameaças, xingamentos, gritos, etc.

8. Clima conjugal negativo: demonstra se os pais interagem de forma agressiva, com brigas, xingamento e falta de diálogo.

9. Punição física: investiga se os pais utilizam algum tipo de agressão física (batem) para disciplinar os filhos, ou, como forma de descarregar emoções acumuladas.

Para a organização dos dados foi utilizado o software Microsoff Excel, onde se somou os escores de cada uma das nove escalas, ou seja, somaram-se as respostas das questões de cada escala, analisando-se de forma separada os escores do pai e da mãe. Após, foi categorizado cada uma das nove escalas, dividindo os sujeitos que apresentaram “baixo escore”, “médio escore” e “alto escore” em cada uma das nove escalas.

A categorização ficou da seguinte forma: “baixo escore”: menor ou igual (\leq) que o valor do percentil 40 da escala analisada; “médio escore”: maior ($>$) que o percentil 40 e menor ($<$) que o percentil 60; e “alto escore”: maior ou igual (\geq) que o valor do percentil 60 (WEBER et al., 2009).

Já para avaliação da situação de proteção ou de risco, fez-se a soma do Total Negativo (TN) do pai e da mãe. Para a obtenção do TN somou-se os escores da Punição Física, Comunicação Negativa e Clima Conjugal Negativo.

A categorização da situação de risco e proteção e os pontos de corte ficaram da seguinte forma:

- Adolescentes com fatores de proteção: $TN \leq$ percentil 40 de TN;
- Adolescentes com fatores de risco: $TN \geq$ percentil 60 de TN;
- Os demais adolescentes se encontram em uma faixa intermediária.
- Pontos de corte dos fatores de proteção (Pai, escola privada): TP igual e maior que 110 e TN igual e menor que 17 e Pontos de corte dos fatores de proteção (Mãe, escola privada): TP igual e maior que 118 e TN igual e menor que 17.

- Pontos de corte dos fatores de risco (Pai, escola privada): TP igual e menor que 106 e TN igual e maior que 18 e Pontos de corte dos fatores de risco (Mãe, escola privada): TP igual e menor que 117 e TN igual e maior que 19.
- Pontos de corte dos fatores de proteção (Pai, escola pública): TP igual e maior que 118 e TN igual e menor que 15 e Pontos de corte dos fatores de proteção (Mãe, escola pública): TP igual e maior que 124 e TN igual e menor que 15.
- Pontos de corte dos fatores de risco (Pai, escola pública): TP igual e menor que 117 e TN igual e maior que 16 e Pontos de corte dos fatores de risco (Mãe, escola pública): TP igual e menor que 122 e TN igual e maior que 16.

Para melhor compreensão, todos os resultados desta pesquisa são expressos em porcentagem, pois o número de amostras das escolas foi diferente (18 alunos na escola privada e 25 na escola pública).

A partir disso, considera-se a predominância de aspectos positivos e baixo índice de aspectos negativos nas interações entre pais e filhos e entre o casal qualifica famílias protetivas. Quando aspectos negativos prevalecem em detrimento dos positivos, a família qualifica-se como risco para o desenvolvimento dos filhos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 ESCALAS POSITIVAS E NEGATIVAS

Os resultados apresentados correspondem ao baixo, médio e alto percentis obtidos por meio da análise estatística do instrumento EQIF da Comunicação Positiva da Interação Familiar, da escola privada e da escola pública (Gráficos 1 e 2, respectivamente). Valores no “alto percentil” são preferíveis e significam que na escala avaliada as respostas foram ou ficaram mais próximas do “sempre” do sistema *Likert* de cinco pontos (nunca, quase nunca, às vezes, quase sempre, sempre) e os valores no “baixo percentil” foram ou se aproximam do “nunca” no mesmo sistema. Os valores no “médio percentil” são ou permeiam as demais respostas do referido sistema. Os dados, como dito anteriormente, são expressos em porcentagem, pois o número de amostras das escolas foi diferente.

De modo geral, os resultados mostram que a interação familiar está ruim em ambas as escolas pesquisadas, pois as respostas se concentram no baixo percentil para a maioria das escalas avaliadas. O mais preocupante é na escola privada, pois apresentou apenas o

envolvimento (EN Mãe = 56%) no alto percentil, as demais ficaram no baixo ou médio percentis, indicando a falta de interação familiar. Já na escola pública esta mesma situação foi verificada no envolvimento, comunicação positiva e sentimentos dos filhos (EN Pai = 56%, CP = Pai = 44% e SF Mãe = 52%, respectivamente).

Tais resultados podem ser reflexos da ausência cada vez mais acentuada dos genitores no convívio e acompanhamento do crescimento dos filhos, principalmente da mãe (a pior avaliada na escola privada). De acordo com Diniz (2004), o fato de a mulher trabalhar fora dificulta a conciliação das responsabilidades sociais e familiares. Na fase de adolescência esta conciliação torna-se ainda mais prejudicada pela necessidade de maior atenção requerida pelos filhos.

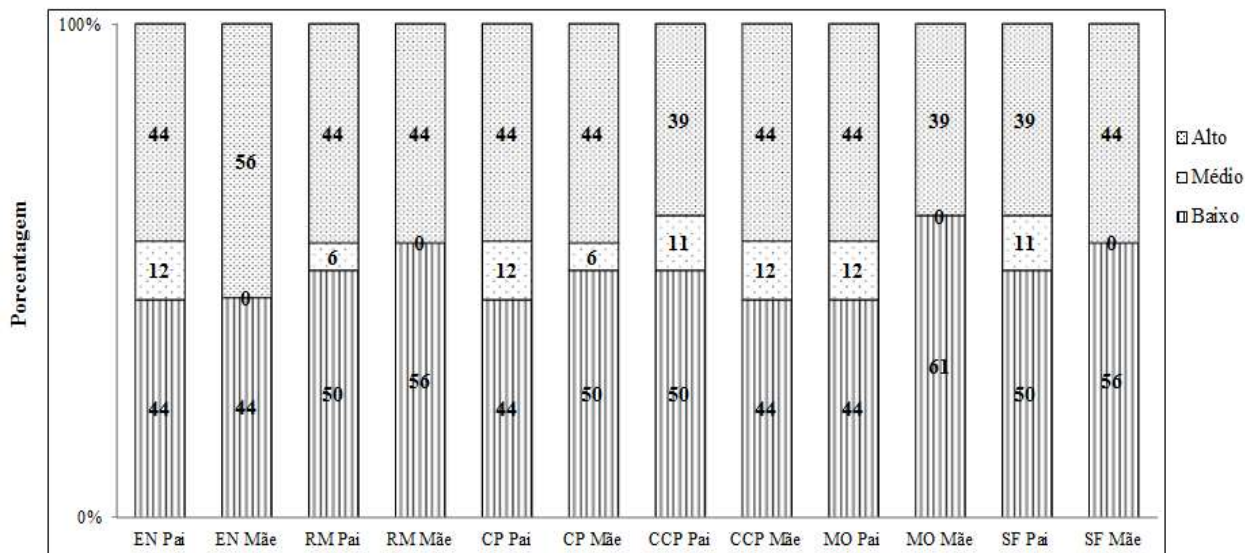
Na escala envolvimento da escola privada (Gráfico 1) os resultados do alto percentil mostram que na percepção dos filhos, a mãe é a mais presente (EN Mãe = 56%) em relação ao pai (EN Pai = 44%), ou seja, 10 (56%) dos 18 filhos pesquisados na fase da adolescência percebem que a mãe é mais amorosa e mais participativa na vida do filho. Já para 8 (44%) dos 18 filhos pesquisados o pai é aquele que acompanha mais as suas vidas.

Os adolescentes da escola privada também relataram a ausência de supervisão no cumprimento de regras e das atividades corriqueiras (tarefa escolar, tempo de uso do celular, acesso a internet, etc), evidenciados pelos maiores percentuais no baixo percentil (RM Mãe = 56% e RM Pai = 50%). Isso quer dizer que, na análise dos dados, a resposta da maioria dos filhos na fase de adolescência pesquisados foi ou se aproximou do “nunca” do sistema *Likert* de cinco pontos.

Vasconcelos (1989, p. 125) menciona que [...] Percebemos duas realidades contraditórias nas famílias: ou a ausência de regras, ou a imposição autoritária de normas. Muitas vezes, por um medo interno de não serem aceitos, os pais acabam não estabelecendo e/ou não fazendo cumprir os limites, levando a uma relação muito permissiva [...].

Os resultados também mostraram que a comunicação positiva está baixa, tanto com a mãe (CP Mãe = 50%) quanto com o pai (CP Pai = 44%). Isso apresenta a dificuldade dos filhos para falarem de si com os pais. Para Vasconcelos (1989) este diálogo é fundamental para que os genitores possam, através de suas experiências de vida, tentar ajudar os filhos em suas tomadas de decisões, em suas conquistas e tranquilizar suas inquietudes.

Gráfico 1: Escala Positiva da Interação Familiar na percepção dos filhos na fase da adolescência - Escola Privada do município de Rolim de Moura - RO. EN Pai = Envolvimento em relação ao Pai; EN Mãe = Envolvimento em relação à mãe; RM Pai = Regras e Monitoria em relação ao Pai; RM Mãe = Regras e Monitoria em relação à Mãe; CP Pai = Comunicação Positiva em relação ao Pai; CP Mãe = Comunicação Positiva em relação à Mãe; CCP Pai = Clima Conjugal Positivo em relação ao Pai; CCP Mãe = Clima Conjugal Positivo em relação à Mãe; MO Pai = Modelo em relação ao Pai; MO Mãe = Modelo em relação à Mãe; SF Pai = Sentimento dos filhos em relação ao Pai; SF Mãe = Sentimento dos filhos em relação à Mãe.



Escala da Comunicação Positiva da Interação Familiar

Quando se refere ao clima conjugal positivo, que verifica a boa relação entre o casal, os resultados apontaram que o pai, na visão dos filhos adolescentes (50%), não demonstra na maioria das vezes atitudes de carinho (físico ou verbal) ou elogios com a esposa. Dessen e Pôlonia (2007) e Dias (2011) mencionam que a qualidade da relação do casal exerce grande influência sobre as estratégias educativas agregadas pelos pais. Sendo que a boa relação entre os progenitores estaria associada a uma maior sensibilidade com a criação dos filhos.

Outro resultado preocupante foi em relação a escala modelo, onde 61% dos filhos não consideram que a mãe tenha atitudes coesas as que ensinam. Entretanto, 44% apontam que o pai age de acordo ao que ensina. Dessa forma, cabe aos pais estarem atentos às suas atitudes e comportamentos, pois eles serão reproduzidos pela prole.

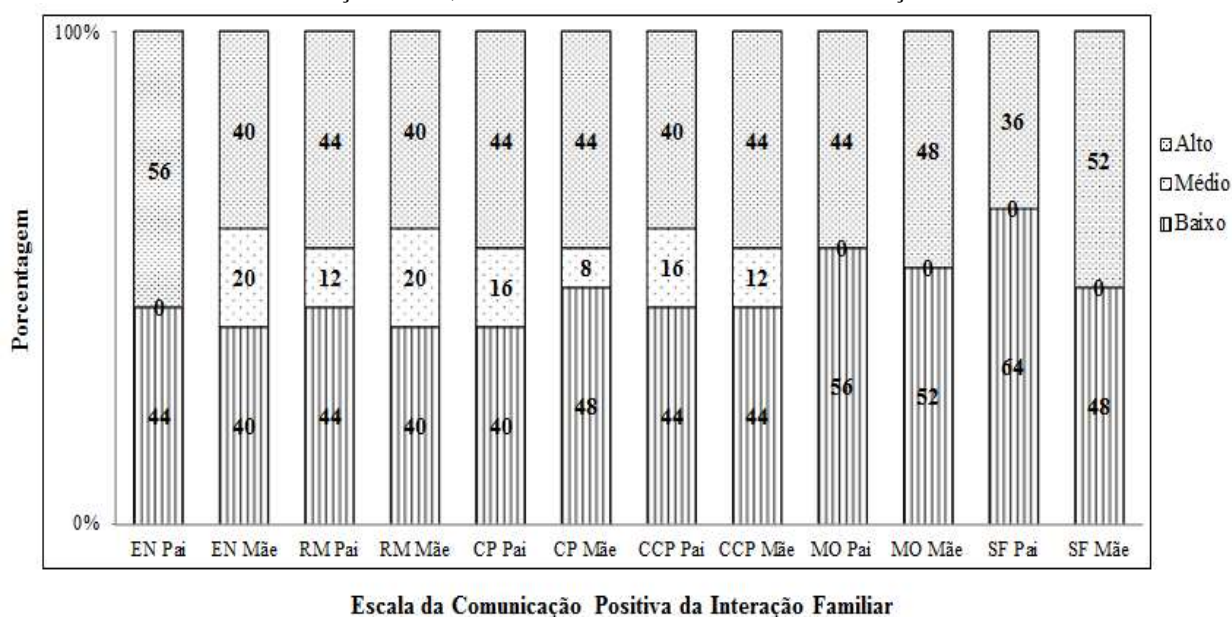
De acordo com o estudo de Simões e Hashimoto (2012), a entrada da mulher no mercado de trabalho repercutiu na relação mãe-filho e na dinâmica familiar e uma das principais dificuldades da mulher em conciliar tempo para tarefas domésticas, trabalho externo e poder permanecer tempo com os filhos, de forma a ser possível estabelecer um vínculo afetivo harmonioso e consistente. Esse fato também pode ter se refletido na escala do

sentimento dos filhos, que explora o nível de afeto, orgulho e bem estar em relação aos pais, onde 56% (10 sujeitos) dos pesquisados relatam a falta de sensibilidade da mãe.

Os resultados obtidos na investigação da escola pública (Gráfico 2), mostram que o pai é o mais envolvido na relação com os filhos adolescentes (56%, 14 dos 25 filhos pesquisados) do que a mãe (40%, 10 dos 25 filhos pesquisados). Quanto a regras e monitoria (RM Pai = 44%) dos sujeitos consideram que o pai monitora e impõe mais regras do que mãe (RM Mãe = 40%). Já na comunicação positiva, 44% dos filhos expuseram preferir o pai quando o quesito é falar de si mesmo. Quanto ao clima conjugal positivo, a exemplo do que ocorreu na escola privada, o pai não demonstra na maioria das vezes atitudes de carinho ou elogios com a esposa. Além disso, tanto o pai (MO Pai = 56%) quanto à mãe (MO Mãe = 52%) na percepção da maioria dos filhos não é coerente com aquilo que ensinam.

Com relação aos sentimentos dos filhos, igualmente à escola privada, os filhos sentem anseio em relação aos sentimentos do pai para com eles (SF Pai = 64%). Contudo, 52% dos filhos apontaram a mãe como sendo a mais afetuosa.

Gráfico 2. Escala Positiva da Interação Familiar na percepção dos filhos na fase da adolescência - Escola Pública do município de Rolim de Moura - RO. EN Pai = Envolvimento em relação ao Pai; EN Mãe = Envolvimento em relação à mãe; RM Pai = Regras e Monitoria em relação ao Pai; RM Mãe = Regras e Monitoria em relação à Mãe; CP Pai = Comunicação Positiva em relação ao Pai; CP Mãe = Comunicação Positiva em relação à Mãe; CCP Pai = Clima Conjugal Positivo em relação ao Pai; CCP Mãe = Clima Conjugal Positivo em relação à Mãe; MO Pai = Modelo em relação ao Pai; MO Mãe = Modelo em relação à Mãe; SF Pai = Sentimento dos filhos em relação ao Pai; SF Mãe = Sentimento dos filhos em relação à Mãe.



Em relação à escala negativa (Quadros 1 e 2), que investiga maneiras inadequadas dos pais falarem ou agirem em relação aos filhos, valores no baixo percentil são preferíveis, pois

as respostas dos sujeitos são ou se aproximam do “quase nunca” do sistema *Linkert* de cinco pontos. Diante dos resultados pode-se verificar que os genitores não usam a violência para educar seus filhos ou como forma de descarregar suas frustrações, uma vez que na escala de punição física o maior percentual encontram-se no baixo percentil em ambas as escolas, tanto para pai quanto para a mãe. Nas práticas da comunicação negativa, o pai é aquele que mais perde a paciência na percepção dos filhos de ambas as escolas.

O resultado preocupante é trazido pela percepção do clima conjugal negativo, onde o maior percentual encontra-se no alto percentil das escalas negativas avaliadas, ou seja, na percepção da maioria dos filhos adolescentes pesquisados, a resposta foi ou se aproximou do “sempre” do sistema *Linkert* sendo que na escola privada a mãe (56%), e na escola pública o pai (52%) como sendo aqueles que interagem de forma mais agressiva, com brigas e xingamento, em relação ao cônjuge. Esse fato pode ter relação com as pressões que o casal recebe para manter valores e padrões tradicionais de convivência, além do estresse da vida cotidiana (ameaças do desemprego, competitividade, demandas de produtividade e eficiência, entre outros), gerando conflito entre o casal. Assim, os casais convivem com a instabilidade e a imprevisibilidade, não buscando momentos mais afetuosos na relação (DINIZ, 2004).

Quadro 1. Escala Negativa de Interação Familiar na percepção dos filhos na fase da adolescência em relação ao pai e a mãe - Escola Privada do município de Rolim de Moura - RO.

Pai			
Percentil	Punição física	Comunicação negativa	Clima conjugal negativo
	(%)		
Baixo	72	44	50
Médio	0	6	0
Alto	28	50	50
Mãe			
Percentil	Punição física	Comunicação negativa	Clima conjugal negativo
	(%)		
Baixo	61	44	44
Médio	0	11	0
Alto	39	44	56

Fonte: Dados da pesquisa.

Outros fatores que exercem influência nas estratégias educativas na família e que poderiam ajudar a explicar os resultados encontrados na escala negativa são, de acordo com Kobarg e Vieira (2008), as condições de vida (pobreza, divórcio, desemprego) e variáveis familiares (número de irmãos, extensão da família, tipo de configuração) rede de apoio social,

características de temperamento e personalidade, abuso de substâncias químicas, presença de doenças psiquiátricas e/ou físicas e a experiência com os próprios genitores paternos.

Quadro 2. Escala Negativa de Interação Familiar na percepção dos filhos na fase da adolescência em relação ao pai e a mãe - Escola Pública no município de Rolim de Moura - RO.

Pai			
Percentil	Punição física	Comunicação negativa	Clima conjugal negativo
	(%)		
Baixo	64	44	40
Médio	0	4	8
Alto	36	52	52
Mãe			
Percentil	Punição física	Comunicação negativa	Clima conjugal negativo
	(%)		
Baixo	56	56	44
Médio	0	0	8
Alto	44	44	48

Fonte: Dados da pesquisa.

3.2 COMUNICAÇÃO NEGATIVA E A SITUAÇÃO DE SEGURANÇA

Mediante os resultados encontrados na comunicação negativa da interação familiar (Gráficos 3 e 4) a maioria dos sujeitos filhos na fase de adolescência investigados da escola pública estão na situação de proteção comparados com os sujeitos da escola privada. O pai, em ambas as escolas (50% na escola privada e 48% na escola pública) apresentou o maior percentual de proteção. Com relação à mãe, 50% e 40%, respectivamente dos alunos da escola privada e pública apresentaram estar em situação de risco.

Estes resultados são preocupantes, pois há muitos adolescentes em situação intermediária e caso não haja políticas voltadas à promoção da melhor interação familiar tais resultados podem ser ainda mais agravantes, colocando-os em situação de risco. Pratta e Santos (2006) revelam que os filhos vão adotar futuramente o estilo parental no qual foram educados, havendo uma transmissão intergeracional. Estudos de Bolsoni-Silva (2002) e Weber et al., (2009) têm sugerido que os pais devem possuir algumas habilidades sociais educativas, tais como, saber expressar sentimentos e opiniões, estabelecer limites e evitar punição física ou coerção, a fim de promover o desenvolvimento de um repertório social adequado em seus filhos.

Gráfico 3. Situação de proteção e risco dos filhos na fase da adolescência em relação ao pai e a mãe - Escola Privada do município de Rolim de Moura - RO.

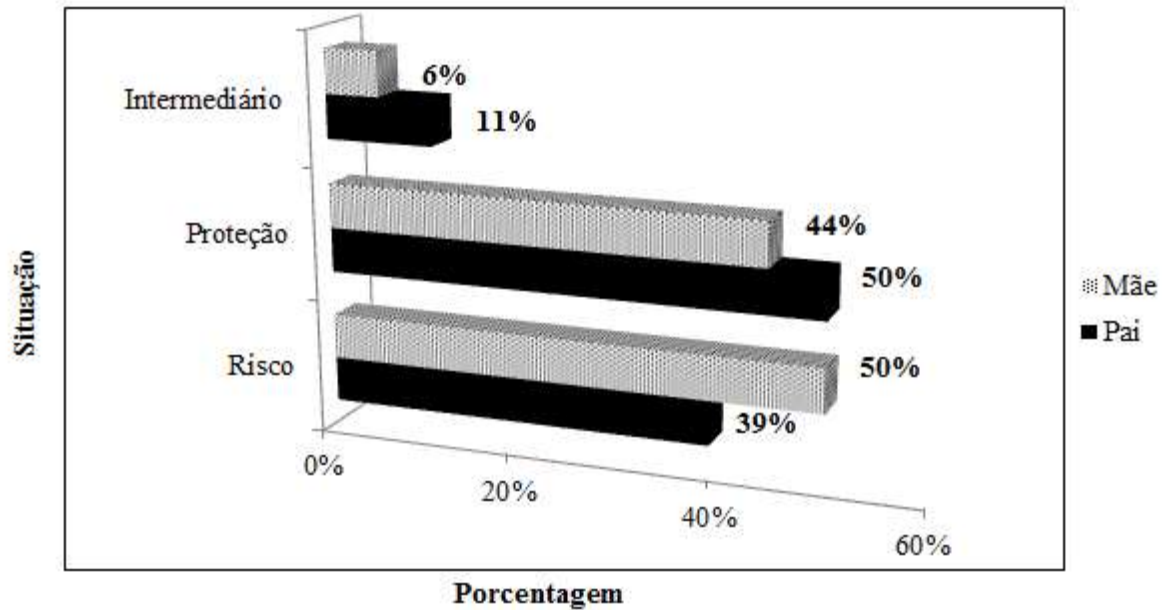
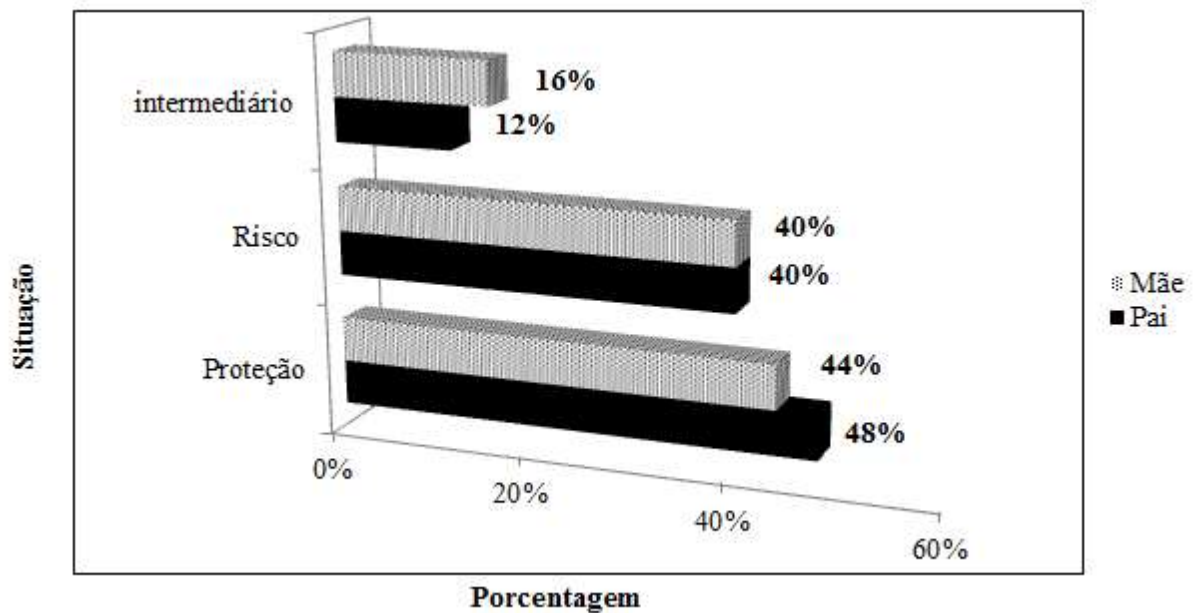


Gráfico 4. Situação de proteção e risco dos filhos na fase da adolescência em relação ao pai e a mãe - Escola Pública do município de Rolim de Moura - RO.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interação familiar tem especial importância no processo de formação do indivíduo, pois é por meio da compreensão da relação entre os membros familiares que pode ser possível

encontrar práticas educativas que contribuam para o melhor desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Cabe ressaltar que, apesar das práticas educativas parentais serem de extrema relevância para o desenvolvimento de comportamentos adaptativos e não adaptativos de crianças e adolescentes, elas não são os únicos fatores que influenciam em seu desenvolvimento. Outros fatores devem ser considerados, tais como: rede de apoio social (interação com pares e/ou outros familiares), características individuais, questões culturais, capacidades individuais e familiares de enfrentamento das adversidades (resiliência).

Neste trabalho, a Comunicação Positiva e Negativa da Interação Familiar na escola pública e principalmente na escola privada apresentaram resultados que indicam a necessidade de programas de orientação para pais, com a finalidade de ajuda-los na forma de agir ou lidar com seus filhos adolescentes. Além disso, os resultados mostraram que há muitos adolescentes em situação de risco ou intermediária a esta.

A melhoria na Qualidade da Interação Familiar pode ser realizada através de um trabalho de orientação para pais, o que contribuiria para o desenvolvimento e para a qualidade da interação entre pais e filhos. Dessa forma, outras gerações serão alcançadas e, conseqüentemente, mais pessoas teriam condições de promover, se desenvolver e crescer num ambiente familiar saudável.

THE PERCEPTION OF THE FAMILY INTERACTION ON ADOLESCENTS

ABSTRACT

The family interaction is a very important aspect for the healthy growth of children, directly reflected in their behavior. In this context, the aim of this paper was to identify the quality of family interaction in students of the last year of elementary school in the city of Rolim de Moura-RO. The sample consisted of 43 students, of both sexes who were attending the 9th grade of elementary school in two schools (public and private). The instrument used was the Quality of Family Interaction Scales. The results showed that family interaction in the public school and especially in private school is worrisome, requiring orientation programs for parents. This would allow adolescents to grow and develop in a healthy family environment.

Keywords: EQIF; family interaction; adolescence; Rondônia.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, M.; GASPAR, M. F. Imprevisibilidade familiar e suas implicações no desenvolvimento individual e familiar, 2007. **Revista Paidéia**; v. 17, n. 36, p. 56-58, 2007.

BRASIL. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

BAPTISTA, C. R. Inclusão em Diálogo: algumas questões que insistem. In: **III Seminário Nacional de Formação de Gestores – Educação Inclusiva: Direito à Diversidade**. Ensaios pedagógicos. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial: p. 36-40, 2007.

BRÁS, P. M. F. **Um olhar sobre a parentalidade** (estilos parentais e aliança parental) à luz das transformações sociais atuais (Mestrado Universidade de Lisboa faculdade de psicologia e de ciências da educação), 2008.

BOLSONI-SILVA, A. T. E. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. **Revista Estudos de Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 227-235, 2002. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/>>. Acesso em 23 jun 2015.

DIAS, M. O. Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica. **Revista Gestão e Desenvolvimento**, v. 19, p. 139-156, 2011.

DINIZ, G. M. Trabalho e saúde mental. In: CODO, W. (Org.). **O trabalho enlouquece: Um encontro entre a clínica e o trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 79-81, 2004.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2007.

JARDIM, A. P. **Relação entre Família e Escola: Proposta de Ação no Processo Ensino Aprendizagem**. (Mestrado em Educação, Universidade do Oeste Paulista). Presidente Prudente: Unoeste, 2006.

LOOS, H.; CASSEMIRO, L. F. K. Percepções sobre a qualidade da interação familiar e crenças autorreferenciadas em crianças. **Estudos de Psicologia I Campinas**, v. 27, n. 3, p. 32, 2010.

KOBARG, A. P. R.; VIEIRA, M. L. Crenças e práticas de mães sobre o desenvolvimento infantil nos contextos rural e urbano. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 21, n. 3, 2008.

PAROLIM, I. Relação família e escola. **Revista Atividades & experiências**, v. 7, p. 43-45. Curitiba, 2008.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 12, n. 2. Psicologia, 2006.

SAWAIA, B. Família e afetividade: a configuração de uma práxia ético-política, perigos e oportunidades. In: COSTA A. R.; VITALE, M. A. F. (Org.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, L. M. M. O papel da família na educação emocional de seus filhos. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Faculdade Don Domênico**. 2. ed. 2009.

SIMÕES, F. I. W.; HASHIMOTO, F. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. Ministério da Educação Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM Minas Gerais – Brasil. **Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas** Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM ISSN: 2238-6424 N°. 02 – Ano I – 10/2012.

VASCONCELLOS, C. S. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 7. ed. São Paulo: Libertad, 1989.

WEBER, L. N. D.; VIEZZER, A. P.; *et al.* Validação do Instrumento EQIF (Escala de Qualidade de Interação Familiar). Em: **Anais do XII Encontro Anual da Associação Brasileira de Medicina e psicoterapia Comportamental**, p. 276-277, 2003. Londrina, PR.

_____. Construção e confiabilidade das Escalas de Qualidade na Interação Familiar. **Psicol. Argum**, v. 26, n. 52, p.55-60, 2008.

_____. Escalas de Qualidade na Interação Familiar–EQIF. Em WEBER, L. D.; DESSEN, M. A. (Orgs.). **Pesquisando a família: instrumentos para coleta e análise de dados**, v. 18, n. 62, p.44-48, Curitiba: Juruá, 2009.

Recebido em 15 de maio de 2015. Aprovado em 21 de setembro de 2015.